

A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVIDADE NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Aluna: Isabela Lachtermacher

Orientadora: Silvia Maria Abu-jamra Zornig

Introdução

As pesquisas desenvolvidas sobre a primeira infância nas últimas décadas (Stern, Downing, Bermudez, Golse, Trevarthen) indicam a importância das relações precoces entre o bebê e seus cuidadores fundamentais como determinantes para o processo de subjetivação da criança. A narrativa, aqui entendida como o processo verbal e não verbal de construção da história individual, familiar e social da criança, é a base da constituição psíquica do infante e se inicia antes de seu nascimento a partir das expectativas, sonhos e angústias de seus pais. O bebê inicia sua relação com o mundo através da musicalidade da voz materna, do toque e do cuidado que ela lhe proporciona e da identificação do adulto às suas necessidades afetivas. Ou seja, antes de apreender o conteúdo verbal e o sentido da narrativa, o bebê interage e entra em sintonia afetiva com seus cuidadores através da comunicação analógica, não verbal, que é baseada na forma, na musicalidade e no ritmo da comunicação.

A pesquisa desenvolvida em um abrigo do Rio de Janeiro teve como objetivo observar e analisar a qualidade do cuidado oferecido a bebês entre 6 e 18 meses por profissionais da instituição, buscando discutir a importância das intervenções direcionadas à primeira infância e seus desdobramentos. Através da observação participante e da divisão em duplas de trabalho, pudemos trabalhar com os bebês durante um ano e observar a mudança ocorrida na forma de interação entre os bebês e as cuidadoras a partir do trabalho desenvolvido por nós que teve como diferencial a narrativa, ou seja, a conversa com os bebês sobre sua rotina, seu ambiente e sobre nossas impressões.

Objetivos:

Investigar a importância da narrativa na construção da subjetividade infantil a partir da análise da bibliografia psicanalítica sobre a primeira infância (D.W. Winnicott, B. Golse, G. Haag, entre outros) e da psicologia do desenvolvimento (R. Spitz, D. Stern,).

Analisar a importância da narrativa nas intervenções direcionadas a bebês entre 6 e 18 meses.

Metodologia

A pesquisa foi efetuada através de dois eixos principais

1. Eixo teórico, através do estudo de uma vasta bibliografia de autores como: W.D Winnicott, D. Stern, B. Golse, entre outros, relacionados com o tema de relações objetivas na primeira infância e narrativa, além de discussões semanais com o grupo de pesquisa e a orientadora responsável.

2. Pesquisa de campo, através das observações semanais da interação de bebês entre 6 e 18 meses com as cuidadoras da instituição Obra do Berço no Rio de Janeiro.

Discussão teórica:

A noção de narratividade pressupõe a construção de uma história através da narrativa de um sujeito sobre si mesmo e o ambiente a sua volta. No entanto, nos primórdios da vida, quando a capacidade de verbalização ainda não foi adquirida, e quando a relação da díade mãe - bebê é o que há de mais significativo, as experiências vividas pelo bebê são relatadas através de seu repertório gestual. Golse (2003) sugere o termo *figuração* para indicar a representação da criança em seu próprio corpo, de um fato que acaba de ser vivido. Desta maneira percebemos como começa a ser construída a noção de “eu” através de um jogo corporal e comportamental do bebê, que conta à sua maneira, as seqüência interativas nas quais se encontra implicado, representando-se num momento muito precoce de narratividade. A narratividade é assim, uma forma de construir uma relação entre fatos que estabelece uma continuidade e sucessão de acontecimentos necessários para a criação de uma temporalidade e de uma história.

Winnicott, no texto *A capacidade de estar só* (1983) cita a importância da segurança afetiva que permite à criança desenvolver a capacidade de ficar sozinha, não apenas no sentido físico, mas na medida em que consegue realizar outras atividades sem a necessidade ativa de seu cuidador. Esta habilidade se desenvolve gradualmente a partir da segurança estabelecida na relação primordial desenvolvida entre o bebê e quem exerce a função materna. “A habilidade de estar realmente só, tem sua base na experiência precoce de estar só na presença de alguém. Estar só na presença de alguém pode ocorrer num estágio bem precoce, quando a imaturidade do ego é naturalmente compensada pelo apoio do ego da mãe. À medida e que o tempo passa o indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e dessa maneira se torna capaz de ficar só sem apoio freqüente da mãe ou de um símbolo da mãe” (p.).

Portanto, a narratividade se dá a partir das relações e interações importantes estabelecidas na primeira infância que ajudam o infante a estabelecer uma temporalidade contínua, sem muitas rupturas, propiciando um sentimento de confiança no mundo e de continuidade de existência. O cuidador precisa exercer o papel de narrador atento, ao comunicar e se relacionar com criança não só através da fala, mas também da linguagem corporal, pois desta forma ele propiciará uma base sólida para o trabalho de simbolização tão necessário para o desenvolvimento psíquico da criança.

Golse (2003) sugere que a narratividade é um processo de co-construção e de mutualidade. “É a questão do prazer compartilhado que se encontra aqui colocada. Só existe experiência possível de brincar junto sobre um fundo de um compartilhar de afetos e prazer. (...) O relato pelo adulto só tem sentido para a criança se o adulto que relata experimenta prazer na sua atividade de narrador, e é só no seio de um tal clima emocional que a criança e o adulto vão poder brincar de relatar, brincar com a narração, com seus desvios e reviravoltas. Todo brincar, relacional ou não, tem o valor de atividade de ligação; vemos bem como a narratividade do outro e o prazer que ele tira daí intervém como condição *sine qua non* do futuro do brincar da criança.” (p.)

Dentro de nossa pesquisa pudemos perceber o quanto é valioso e necessário o trabalho de possibilitar a construção de um espaço de narratividade junto aos bebês, propiciando aos bebês um sentimento de “estar com”, ou seja de compartilhar estados afetivos com os adultos que se ocupam deles.

Ou seja, a interação entre o bebê e a o adulto que promove seus cuidados, quanto mais harmoniosa e comunicativa mais irá beneficiar a construção da subjetividade da criança. O “fazer junto” e o ‘estar junto’, criam uma atmosfera de segurança para que o bebê possa explorar aos poucos o mundo a sua volta e criar um elo sólido com seu entorno.

Considerações finais:

Na primeira infância a narratividade é construída através da comunicação não verbal estabelecida entre os bebês e seus pais. O cuidado parental através do toque, da musicalidade da língua, da construção de um lugar antecipado para o filho, mesmo antes de seu nascimento, propicia um espaço potencial que favorece o desenvolvimento do bebê e sua gradual apropriação da linguagem e do pensamento. No entanto, no início de nossa pesquisa percebemos na instituição, uma enorme falta de estimulação por parte das cuidadoras. Os bebês são deixados nos cercadinhos com milhões de brinquedos espalhados para seu uso, sem que ninguém os estimule a fazer nenhuma atividade ou converse com eles. Na maioria das vezes, a interação verbal entre cuidadoras e bebês se resume em chamar a atenção a um comportamento considerado errado ou, durante a hora das refeições, como uma maneira de fazer com que as crianças se interessem pelo alimento. Em outros momentos percebemos também que a manipulação dos bebês é feita sem qualquer interação verbal, como por exemplo, na hora de levá-los ao banho. Uma cuidadora, encarregada da tarefa, retira os bebês do cercadinho, às vezes sem mesmo contato visual, interrompendo sem justificativas enunciadas a atividade que este bebê estava executando. Com isso percebemos que existe uma maior inclinação aos cuidados físicos dos bebês em relação ao enfoque de sua subjetividade.

A falta de interação verbal (narratividade) não só é responsável por uma falha na percepção de continuidade de fatos, mas também por não estimular as crianças em direção à fala.

Seria mais do que desejado que a relação das cuidadoras com os bebês se desse de modo não só a estimulá-las, mas também levando em consideração a importância de se interagir de modo verbal e narrativo, contribuindo para seu desenvolvimento.

Investigando os motivos pelos quais tal interação não ocorre, nos deparamos com dois fatores básicos na constituição da instituição: a maioria das cuidadoras desempenha esta função há muitos anos, algumas delas tendo sido quando crianças abrigadas na Obra e, além disso, não percebemos nenhuma orientação da parte psicopedagoga de modo a encorajar tal atitude em relação aos bebês.

Nossa solução perante tal fato foi de demonstrar, por nós mesmos uma conduta mais estimuladora. Começamos a propor atividades de grupo com as crianças, a conversar e chamá-las pelo nome, a ler histórias e etc... Ao perceberem a maneira que agimos em relação as crianças e a maneira com que elas reagiam de volta, em algum tempo percebemos algumas mudanças, mesmo que sutis no comportamento das cuidadoras.

Longe ainda de estar perto do que consideramos um ambiente estimulador para as crianças, podemos sentir que para propiciar aos bebês um ambiente de cuidados, precisaríamos oferecer algum certo tipo de cuidado às cuidadoras. Decidimos então propor um trabalho em conjunto com a coordenação da obra, no sentido de proporcionar esclarecimento quanto a necessidade de incentivar e utilizar dos mecanismos de interação além de também oferecer um suporte para sua jornada de trabalho, o que é extremamente importante.

Juntamente com nossa orientadora, traçamos um breve plano de trabalho, com reuniões quinzenais, onde poderíamos apresentar de modo didático e prático, a importância de uma relação mais interativa e portanto levando em consideração a narratividade e todos os conceitos que durante nossa pesquisa achamos importantes. Infelizmente não recebemos da instituição nenhum pronunciamento sobre nosso intuito.

A pesquisa realizada dentro da Obra do berço, através da observação e do trabalho voluntário nos foi extremamente importante para podermos observar in loco os conceitos estudados e a interação com os bebês nos foi de grande valia não só

academicamente, mas nos fez perceber que o bebê, assim como o adulto, também tem uma história a ser contada e é através das interações e relações precoces que podemos dar espaço a essa história. Mesmo que de maneira muito peculiar, ao prestarmos atenção a essas diversas ações dos bebês, podemos vislumbrar seu funcionamento psíquico e seu desenvolvimento subjetivo.

Referências bibliográficas:

GOLSE, B. *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão*. Trad. bras. Inês Catão. 1ª ed. (Coleção 1ª Infância) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LEBOVICI, S. (1987) O bebê, a mãe e o psicanalista. Porto Alegre: Artes Médicas.

MC.DOUGALL(2001). Um corpo para dois. IN: Nascimento de um corpo, origem de uma história. São Paulo: Casa do Psicólogo.

STERN, D. (2005) L' envelope prénarrative. In: Missonier, S. (org.) Récit, attachement et psychanalyse. Paris: Érès.

_____ (1982) O mundo interpessoal do bebê. Porto Alegre: Artes Médicas.

WINNICOTT, D. (1978) Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
WINNICOTT, D. W., *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. bras. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983

ZORNIG, Silvia. Corporeidade e constituição do sujeito: algumas observações sobre a clínica dos primórdios.

_____ A criança e o infantil em psicanálise. São Paulo. Escuta, 2008. Segunda edição.